

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	2
2 - PRELIMINARES	5
2.1. LEVANTAMENTO DA HIPÓTESE DE TRABALHO.....	6
2.2. PLANO DE TRABALHO.....	6
2.3. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	6
3 - A PRÁTICA DA PESQUISA	7
3.1. SELECIONANDO AS REFERÊNCIAS.....	7
3.2. METODOLOGIA DE LEITURA.....	8
3.3. REUNINDO AS ANOTAÇÕES: UM ESBOÇO PRELIMINAR.....	8
3.4. REDAÇÃO CIENTÍFICA.....	9
4 - APRESENTAÇÃO FORMAL	9
4.1. DIAGRAMAÇÃO.....	9
4.2. FORMATO.....	9
5 - ESTRUTURA	10
5.1. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS.....	11
5.2. ELEMENTOS TEXTUAIS.....	12
5.3. ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS.....	13
6 - ESTILO	13
6.1. ÊNFASE.....	13
6.2. LÍNGUAS ORIGINAIS.....	13
6.3. PRONOMES REFERENTES A DEUS.....	13
6.4. LINGUAGEM SUBJETIVA.....	14
6.5. REFERÊNCIAS BÍBLICAS.....	14
6.6. COMPATIBILIDADE.....	14
7 - MODELOS PRÉ-TEXTUAIS	15
7.1. FORMATOS E MARGENS.....	15
7.2. FORMAS DE RESUMO.....	21
7.3. PAPER.....	21
7.4. COMUNICAÇÃO.....	22
7.5. FICHAMENTO.....	22
8 - MODELO DE PROJETO DE PESQUISA	22
8.1. INTRODUÇÃO.....	22
8.2. JUSTIFICATIVA.....	22
8.3. METODOLOGIA.....	22
8.4. CONCLUSÃO.....	22
8.5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	22
8.6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA COMENTADA.....	23
9 - NOTAS E REFLEXÕES SOBRE REDAÇÃO CIENTÍFICA	23
10 - ENCADERNAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA	26

1 - INTRODUÇÃO

A prática da pesquisa, a habilidade em escrever e a apresentação formal de um trabalho são elementos que apontam para um trabalho árduo por parte daquele que se envolve em projetos dissertativos em qualquer nível. Os tópicos abordados pretendem propiciar uma orientação inicial.

Bem, como veremos, a palavra inicial é PLANEJAMENTO. Mas, antes de iniciar o planejamento é preciso entender que distinções existem entre as diversas nomenclaturas para o trabalho científico. Deseja-se planejar, mas planejar que forma de conhecimento? Dentre um universo muito rico de formas, pode-se ressaltar o conhecimento empírico, e filosófico, o artístico, o religioso e o científico. Cada uma das formas de conhecimento possui uma base de trabalho.

Para o conhecimento empírico, a vivência é a base de trabalho;

Para o conhecimento filosófico, o discurso lógico é a base de trabalho;

Para o conhecimento artístico, a intuição é a base de trabalho;

Para o conhecimento religioso, o dogma é a base de trabalho;

Para o conhecimento científico, a experiência laboratorial (comprovação com fatos) é a base de trabalho.

O método científico utilizado em larga escala atualmente é o hipotético-dedutivo, ou seja, parte-se de uma hipótese de trabalho do geral para o particular. Até bem pouco tempo atrás havia uma forte distinção entre as formas de trabalho: monografia, dissertação e tese. Entretanto, contemporaneamente não há qualquer distinção entre elas.

O que se tem hoje, do ponto de vista metodológico, é a inclusão de corpus maior de trabalho à medida que a graduação acadêmica é galgada e também um maior rigor ao tratar os diversos níveis.

Isso implica que qualquer trabalho exigido em uma disciplina, tanto quanto uma monografia de bacharelado, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, seguem o mesmo método hipotético-dedutivo.

A leitura de livros diferenciados sempre teve a capacidade de provocar mudanças significativas e importantes. Após a leitura do livro *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas S. Kuhn (1989), começou-se a linear uma nova perspectiva do verdadeiro papel que desempenhamos na nossa vida profissional e como cientistas pesquisadores. Entendeu-se, então, o significado de uma pesquisa na vida de um pesquisador que, dentre outras coisas, está fazendo ciências, está pensando cientificamente e, portanto, contribuindo de alguma forma para uma mudança na sociedade.

Nesse sentido, compreende-se que Kuhn, em seu livro, procura discutir com profundidade o real significado do que seja ciência, as suas implicações, os seus pressupostos e suas eventuais interferências no mundo. Ao discutir temas controversos, rompe com concepções, para não dizer mitos, arraigadas em nossa memória. Por exemplo, quando discute sobre o fato da não necessidade de um tema de pesquisa ser inédito podendo ser um "braço", uma nova vertente de uma pesquisa existente. Ou mesmo, uma reflexão atualizada sobre pesquisas já existentes procurando redimensioná-la à luz de novas teorias atualizadas.

Por outro lado, ainda segundo Kuhn, uma nova teoria, por mais restrita que seja o seu campo de atuação, nunca é apenas um mero incremento do que já é conhecido. Seu real desvelamento requer uma revisão da teoria já existente e uma nova reflexão sobre os fatos anteriores envolvidos no processo. Uma pesquisa científica procura promover uma articulação entre os fenômenos e teorias já fornecidas pelo paradigma buscando extrair dos mesmos novas perspectivas e possibilidades. É importante ressaltar que, muitas vezes, um

cientista adquire grande reputação não por causa da novidade de suas descobertas, mas pela precisão, segurança e alcance dos métodos que desenvolveram visando à predeterminação de categorias de fatos anteriormente conhecidas.

Um outro aspecto discutido no referido livro é sobre a necessidade do pesquisador, ao empreender-se em um novo desafio, já possuir algumas respostas e muitos outros questionamentos sobre a ciência que está produzindo tais como: “Quais são as entidades fundamentais que compõem o universo? Como interagem estas entidades umas com as outras e com os sentidos? Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções?”.

Kuhn discute ainda um fato interessante que é a questão de um pesquisador, ao se envolver em uma nova pesquisa, enfrentar resistências, tanto da comunidade científica à qual pertence como também da sociedade como um todo. Por isso, ao iniciar uma pesquisa, todo pesquisador deve, a priori, considerar todos os paradigmas ou candidatos a paradigmas que eventualmente se apresentarem como sendo relevantes para o seu trabalho, mesmo porque, ao iniciar uma coleta de dados todos os fatos que estão à disposição do pesquisador são relevantes e devem ser considerados. Sobre o paradigma é importante ressaltar o que escreve Kuhn: “Para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada”.

Não é raro observarmos alguns paradigmas que foram desenvolvidos com determinada finalidade serem utilizados em outros fenômenos estreitamente relacionados. Este fenômeno é possível porque uma teoria pode ser aplicada de diversas maneiras e é passível de leituras diferenciadas dependendo do objetivo que se tem em mente e do pesquisador que a está utilizando. Para Kuhn, “uma parte (embora pequena) do trabalho teórico normal consiste simplesmente em usar a teoria existente para prever informações fatuais dotadas de valor intrínseco”.

É importante o reconhecimento do papel desempenhado na pesquisa científica por aquilo que chamo de paradigmas. Considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que durante algum tempo, fornecem problemas e soluções moderadas para uma comunidade de praticantes de ciências.

Esses são apenas alguns aspectos desse livro denso e importante na vida de um verdadeiro cientista e, portanto, devemos recorrer a ele sempre, seja em busca de respostas para as muitas perguntas que afligem a mente de um pesquisador, seja para a simples conferência da veracidade de teorias por nós levantadas. Por outro lado, é de extrema importância que tenhamos sempre uma postura crítica sobre as teorias propostas pelos teóricos para que possamos extrair das mesmas o melhor que elas têm a oferecer.

É importante ressaltarmos que um dos objetivos fundamentais de um pesquisador é instar uma mudança na percepção e avaliação de dados familiares, ainda, que cada revolução científica altere a perspectiva histórica da comunidade que a experimenta, então, esta mudança de perspectiva deverá afetar a estrutura das publicações de pesquisa e dos manuais do período pós-revolucionário.

Os cientistas, em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, procuram apresentar a integridade histórica daquela ciência, a partir de sua própria época.

Observe que uma pesquisa eficaz raramente começa antes que uma comunidade científica pense ter adquirido respostas seguras para perguntas como:

- Quais são as entidades fundamentais que compõem o universo?
- Como interagem essas entidades umas com as outras e com os sentidos?
- Que questões podem ser legitimamente feitas a respeito de tais entidades e que técnicas podem ser empregadas na busca de soluções?

Ao menos nas ciências plenamente desenvolvidas, respostas (ou substitutos integrais para as respostas) a questões como essas estão firmemente engastadas na iniciação